

ESTUDO COMPARATIVO DE NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL E SOCIAL

Íris Satie Odo de Oliveira¹, Jasmine Nucci da Silva², Lorena Figueira Prudente de Aquino³, Shaiene Alcaires do Nascimento Lima⁴, Prof^a. Msc. Maria Angélica Gomes Maia (Orientadora) mamaia@univap.br

¹⁻⁴ Universidade do Vale do Paraíba/FEA, Rua Tertuliano Delphim Jr., 181

iris.satie@hotmail.com, jasmine_nucci@hotmail.com, lorena_fpa@yahoo.com.br, shaialcaires@hotmail.com

Resumo - Este artigo se propõe discutir, refletir, classificar níveis de alfabetização e comparar a educação em diferentes classes sociais do ensino de São José dos Campos. O trabalho foi desenvolvido no módulo Alfabetização e Letramento, no 3º período do curso de Pedagogia, no presente ano, da Universidade do Vale do Paraíba/UNIVAP, em São José dos Campos, partir dos estudos teóricos das obras de Ferreiro (1984), Perrenoud (2001) e Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) considerados como referências para o trabalho de alfabetização no Ensino Fundamental. A análise foi realizada a partir da elaboração de um “kit” contendo materiais variados e que circulam no contexto social para leitura e escrita (jornais variados, panfletos, conta de água, luz, telefone, livros, revistas diversas) e fichas contendo situações para escrita e leitura, buscando identificar os níveis de alfabetização em que se encontram os alunos pesquisados, relacionando o papel da escola como promotora desta inserção da criança na aquisição da lectoescrita e suas diferentes interferências de acordo com o nível social, fazendo um contraponto entre os estudos teóricos, as metodologias e práticas efetivas realizadas pelas escolas pesquisadas.

Palavras-chave: Níveis de alfabetização, Classes sociais, Aquisição da lectoescrita, Mediação, Inteligências múltiplas.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação)

Introdução

A partir da década de 1980, mudou-se o conceito da educação, o enfoque de como se ensina para como se aprende ganhou força com os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1984). A Psicogênese da Língua Escrita mostra que as crianças possuem hipóteses sobre como se dá a construção da lectoescrita e cada fase passa por conflitos para chegar a alfabetização.

A proposta construtivista está engajada com a Psicogênese da Língua Escrita e contemplada nos Parâmetros Curriculares, pois ambas consideram as hipóteses das crianças e a partir dos seus conhecimentos prévios, inicia-se um ensino que não mais ignora os conceitos que a criança traz consigo e se propõe a estudar também o olhar que esta tem sobre a construção da escrita.

Referencial teórico

Conforme preconiza Azenha (1994), Ferreiro e Teberosky revolucionaram conceitualmente o tratamento a qual era destinada a alfabetização, instaurando um novo paradigma ao estudar a gênese psicológica da língua escrita na criança. Os esclarecimentos trazidos por Ferreiro oportunizaram enxergar que se o aprendizado não

fosse produtivo, a prática de ensino poderia estar equivocada. Isto proporcionou uma maior reflexão e mais pesquisas na área de alfabetização.

Perrenoud (2001) relata que o fracasso escolar sempre existiu, que estava inculto. As crianças menos favorecidas freqüentavam as classes do liceu e as que possuíam poder aquisitivo maior as classes primárias. A segregação social era comum e marcante anterior ao século XX: as crianças simples não precisavam estudar, pois iriam se dedicar ao serviço. Quando houve iniciativa do governo de quantificar o número de analfabetos, ocorreram disparidades e percebeu-se que o sucesso estava vinculado à condição social. A escola não equilibrou a desigualdade social e respectivamente as oportunidades de acesso, permanência e aprendizado. O primeiro erro é referente ao currículo escolar, pois nem todos possuem os mesmos recursos para avançar, e quando o ensino é elitista aumenta-se o desvio das camadas populares; a segunda falha é fornecer menos assistência aos alunos que têm mais carência e que precisam de mais ajuda para tentar se igualar aos outros alunos providos de conhecimentos superiores e a terceira cabível a toda equipe de gestão e docentes é não tentar conter as diferenças, não desvendar a incógnita do problema e sua solução.

Em entrevista cedida, Ferreiro relatou que as mudanças educativas são lentas. Diz ser mais fácil transformar uma escola pequena e de rede privada que possua o desejo de evolução do que uma de rede municipal e estadual, pois estas envolvem a complexidade da realidade brasileira e pela sua teoria não estar difundida similarmente em todas as regiões. Menciona, também, que o maior desafio é a qualidade da aprendizagem: “Não basta ocupar todas as cadeiras. É preciso ensinar”.

Segundo o PCN (2000), o governo deve financiar o ensino elementar gratuito e obrigatório de qualidade a toda população. O absentismo, a deserção e a repetência são fatores que colaboram para o analfabetismo e subinstrução que é falha do sistema educacional. A prática pedagógica do docente deve propor tarefas didáticas que incite a ação e reflexão nos estudantes, tanto na oralidade quanto na grafia. Aprender a ser leitor e produzir bons textos é consequência de estudar diversos textos de qualidade, que devem atender a necessidade de cada público. Além de ser prazerosa, deve haver finalidade para tal aprendizado - ao contrário das cartilhas que são agregados de frases, sem valor nenhum e deslocado da realidade. O convívio com textos é a chave para se escrever bem. Mesmo que não redija, o autor é aquele que cria o próprio discurso independente de grafá-lo ou não. É o sujeito pensante que descreve sua realidade. O contato com textos possibilita o aprimoramento da linguagem - o que ocorre diariamente. Portanto devemos ter o controle da produção lingüística e tomar consciência de sua importância. É função da escola acabar com o “achismo” de quem fala certo e errado, pois cada comunidade e região possuem seu capital lingüístico. É necessário adequar a linguagem em distintas ocasiões comunicativas. O progresso da escrita e linguagem não é independente do sujeito cognoscente, que em busca de aperfeiçoamento percebe quão é capaz de refletir para produzir.

Conforme diz Ferreiro e Teberosky (1984), Piaget é de suma importância na lectoescrita. Este demonstrou que a criança deve ser o centro ao invés do objeto de estudo e que o erro é uma tentativa de acerto; cujo ponto de partida deve ser o próprio sujeito e este é o ser pensante que questiona, formula e inventa hipóteses e aprende pela descoberta de suas ações.

O limiar da educação é a aprendizagem da leitura e escrita. Focalizados apenas nas percepções auditivas e visuais, esqueceram-se da competência lingüística da criança e suas capacidades cognoscitivas. A docência não cabe apenas a preocupação de alfabetizar e em fazer que os educandos adquiram somente o domínio para leitura e escrita, mas que floresça todo o seu potencial, explorando todos os campos das

inteligências múltiplas em consonância com a alfabetização, a fim de um aprendizado mais eficaz e significativo. Gardner (1985) afirma que todos os indivíduos possuem os múltiplos tipos de inteligência nos estágios mais básicos, mas o que difere o grau de desenvolvimento é a prática. Sugere a necessidade de individualização, cuja escola deve oferecer o desenvolvimento do potencial individual, uma vez que cada aluno tem um perfil cognitivo.

Cavalcante (2006), afirma que a heterogeneidade em sala é fonte de riqueza para a troca de conhecimentos entre as crianças e a diversidade é um aliado à construção de conhecimentos. As crianças que estão sendo alfabetizadas têm que ficar em grupos de níveis de alfabetização próximos, pois não sabem quais têm a razão. Portanto terão de ouvir o colega, discutir e raciocinar; contribuindo para o seu aprendizado. Devemos oferecer diversos textos aos alunos que ainda não são alfabetizados, pois permitiremos que a criança desvende os aspectos de cada texto e as pistas que trazem sobre o conteúdo. A antecipação do que o texto diz, contribui para uma leitura de qualidade.

Material e métodos

A pesquisa foi realizada em duas escolas: uma da Rede Municipal de Ensino e a outra da Rede Privada, ambas localizadas em São José dos Campos - SP. A primeira está situada na Zona Oeste da cidade, cuja comunidade escolar é bem diversificada, atendendo desde crianças de baixa renda até crianças de classe média, perfazendo, aproximadamente, 850 alunos, destinada ao Ensino Fundamental. A segunda situa-se na Zona Leste, cuja comunidade escolar é de classe média, atendendo, aproximadamente, 180 alunos, destinada ao Ensino Infantil e Fundamental. A coleta de dados realizou-se por meio de entrevistas com 8 alunos do Ensino Fundamental. Foi utilizada uma caixa com textos e questões direcionadas aos portadores textuais, sendo o foco da pesquisa o grau de alfabetização dos alunos e o conhecimento sobre tipos de textos diversificados, variando com a série, idade e Instituição - pública ou privada - entre eles, tornando a escrita coletada o material de pesquisa.

Resultados

Dentre os 8 alunos entrevistados, apenas uma aluna do 2º ano da Rede Pública apresentou características do nível pré-silábico. Porém, foi visível a distinção entre os estudantes das unidades escolares. Os que estudam na Rede Privada, demonstraram maior domínio da lectoescrita. Isto ocorre, pois a escola oferece e

disponibiliza materiais didáticos diversificados. Outro fator contribuinte para este avanço é a classe social. Mesmo fora da instituição, eles têm acesso a cursos e pessoas com alto nível de letramento. Entretanto, os educandos da rede pública, têm contato com portadores textuais que circulam pela sociedade a mais que os da Rede Privada, pois aqueles vivenciam e possuem uma necessidade superior de conhecer elementos da realidade adulta.

Discussão

Faz parte do papel da escola incentivar e criar situações em que torne o aluno um sujeito pensante. Fornecer materiais e conteúdos que se enquadram à realidade dos educandos contribui para um maior desempenho escolar.

Com os alunos da Rede Privada, houve um resultado superior ao dos alunos da Rede Pública – isto se tratando de escrita e leitura. Pôde-se observar que um fator, também, contribuinte para esse melhor desempenho foi a colaboração, participação e incentivo vindo dos pais. Estes possuem maior poder aquisitivo, podendo, assim, fornecer materiais e cursos de qualidade, acesso à tecnologia e proporcionar aos seus filhos aulas particulares de reforço. Infelizmente, esta não é a realidade dos alunos da Escola Municipal. Na escola em estudo – da Rede Particular - há propostas de aulas de línguas estrangeiras, informática e outras atividades extracurriculares.

Analisando o número de alunos por turma, também é visível a influência que isto exerce no desempenho e aprendizado dos mesmos. Na Escola Particular, são, em média, 15 alunos por turma, realidade totalmente contrária a da Escola Pública. Esta possui, em média, 35 alunos por turma, dificultando o trabalho da educadora. Para alcançar sucesso nas aulas é preciso que haja concentração e entendimento do que está sendo ensinado, mas com uma sala lotada é quase impossível alcançar esse objetivo. A professora, antes mesmo de iniciar a aula, já costuma estar desanimada, pois sabe as dificuldades e tribulações a serem enfrentadas naquele ambiente agitado. Por esse motivo, não tem estímulo nem estimula seus alunos. Repassa as informações contidas num livro didático sem desviar o foco, mesmo que seja para fazer um paralelo com a realidade do aluno. E este, passa a ir à escola obrigatoriamente, sem que haja interesse em aprender, pois se não há incentivo não há resultado.

Outro fator determinante para o desenvolvimento cognitivo é o meio em que os alunos vivem. Ao possuírem uma família estruturada, a criança cresce e amadurece em seu tempo, sem eliminar ou atrasar etapas. Isto é indispensável para que haja um resultado positivo

em relação aos estudos e comportamento do aluno. Este necessita, estar mentalmente saudável.

Em relação aos portadores textuais, houve uma mudança nos resultados. Os alunos de 3ª e 4ª série da Rede pública obtiveram mais acertos do que os alunos – destas mesmas séries – da Rede Privada. Isto se deve ao fato de alunos de classes sociais inferiores, conviverem mais com a realidade do que com a fantasia. Ao mostrar uma conta de luz aos alunos da Escola Pública, apenas um não soube responder corretamente. Já os da Escola da Rede Privada, cometeram mais erros referente a este portador.

Os pais dos alunos que possuem condições financeiras superiores presenteiam seus filhos com livros e os incentivam a assistir programas culturais. Isto faz com que eles tenham menos contato com portadores textuais que não são, necessariamente, apropriados para a idade deles – mesmo havendo necessidade de contato com esses. Os alunos de classe média baixa, não possuem condições de acesso a materiais com fins pedagógicos, e muitas vezes, seus pais não dão prioridade a esse desenvolvimento, se preocupando, apenas, com a aprovação no fim do ano letivo.

Mesmo reunindo vários motivos e causas para explicar os resultados obtidos com a pesquisa, vale acrescentar a importância que o investimento na Instituição possui. Como citado no referencial teórico, segundo Emilia Ferreiro, é mais fácil transformar uma Escola Particular – que deseja evolução – do que uma Pública, pois envolve a complexidade das políticas públicas, especificamente educacionais brasileiras.

Conclusão

Por meio dos objetivos propostos, dos resultados obtidos e da observação realizada durante a entrevista, conclui-se que a classe sócio-econômica ainda interfere nos níveis escolares. A dedicação dos professores, também, contribui para o aprendizado dos alunos. Na Rede Privada – pelo fato de ter menos educandos por turma – a atenção oferecida pelo educador é individualizada.

A falta de acesso a materiais diversificados, de tecnologia avançada e de cursos extracurriculares existentes na Rede Pública, ocorre devido à omissão de investimento na educação vindo do Governo. Isto afeta diretamente os alunos, pois os que mais necessitam são os menos favorecidos.

Referências

ACHCAR, T. Na medida certa. **Nova Escola**, São Paulo, v.21, n. 190, mar. 2006. p. 32-33

AZENHA, M. G. **Construtivismo**: de Piaget a Emilia Ferreiro, 3. ed. São Paulo: Ática, 1994. 112 p.(Princípios)

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental.
Parâmetros curriculares nacionais:
apresentação dos temas transversais. Brasília:
MEC; São José dos Campos: Univap, 2000. v.1

CAVALCANTE, M. Alfabetização: todos podem aprender. **Nova escola**, São Paulo, v.21, n. 190, mar. 2006. p.24-31

FERREIRO, E. O ato de ler evolui. **Nova Escola**, São Paulo, v. 16, n. 143, jun./jul. 2001. Fala Mestre. P. 13-15

_____ **Psicogênese da língua escrita**.
Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. 300p.

GAMA, M. S. S. A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação. Psy_coterapeuta. 2008. Disponível em:<<http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html>> Acesso em: 13 jun. 2008

PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola da diferenças**: Fragmentos de uma sociologia de fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001. 210 p